

Teoria e prática tradutória numa perspectiva de gênero

Resumo: O presente artigo aborda alguns dos diferentes aspectos que têm sido explorados na intersecção entre os Estudos da Tradução e os Estudos de Gênero nas últimas décadas. O primeiro é o do resgate do trabalho de tradutoras no passado e do significado que era atribuído a este; o segundo aspecto trata das diversas estratégias de tradução que feministas contemporâneas têm adotado; o terceiro ocupa-se com a crítica a traduções de textos de mulheres, especialmente de feministas; o quarto diz respeito a questões de política de tradução, envolvendo textos de autoria feminina.

Palavras-chave: Estudos da Tradução; Estudos de Gênero; prática feminista de tradução

Abstract: This article addresses some of the different aspects that have been explored in the intersection between Translation Studies and Gender Studies in recent decades. The first is the redemption of the work of female translators in the past and the meaning that was attributed to it. The second aspect deals with the various translation strategies that contemporary feminists have adopted and the third deals with the criticism of translations of texts by women, especially feminists, and the fourth relates to policy issues of translation, involving texts authored by women.

Keywords: Translation Studies, Gender Studies, feminist practice of translation

Os Estudos da Tradução e os Estudos de Gênero estabeleceram-se, ambos, por volta dos anos 70 do século XX e têm em comum, além de seu caráter interdisciplinar, uma questão teórica central para a época em vários campos de pesquisa, que é a da linguagem. Com o assim chamado 'linguistic turn', a partir do qual as atenções se voltam para a capacidade constitutiva ou de criação discursiva da linguagem, ao invés da mera nomeação de fenômenos extralinguísticos, passa-se a focalizar mais esses mecanismos e processos da própria linguagem. Com isso salta aos olhos, também, a sua dimensão política, como um campo imbricado de relações de poder. Enquanto nos Estudos da Tradução

se percebe que traduzir ultrapassa em muito uma simples operação de transferência linguística neutra, através da qual se poderia alcançar uma suposta fidelidade ou equivalência, os Estudos de Gênero chamam a atenção para o caráter 'gendrado' da linguagem, ou seja, para a sua natureza patriarcal.

Uma intersecção entre desses dois campos investigativos tem se mostrado bastante frutífera; a pesquisa de gênero / feminista tem focalizado vários aspectos relativos a questões de tradução, que podem ser agrupados, a meu ver, basicamente em quatro blocos.

Num primeiro bloco poderíamos reunir pesquisas a respeito do trabalho de tradutoras ao longo da história. Nesse âmbito tem se buscado não somente um levantamento extensivo e cuidadoso de mulheres que trabalharam como tradutoras, especialmente de literatura, no passado, mas também tem sido indagado porque elas tiveram acesso a esse trabalho e, principalmente, qual foi a relevância desse seu trabalho para o desenvolvimento das literaturas nacionais. Em seu livro *Translation and Gender*, Luise von Flotow afirma:

Mulheres foram deliberadamente excluídas ou dissuadidas de uma formação de prestígio e, por consequência, da participação na esfera pública; assim, elas se dedicaram à tradução como uma humilde alternativa. E como a tradução era codificada tradicionalmente como uma atividade secundária, reprodutiva e eventualmente 'traidora', associada a estereótipos misóginos sobre mulheres, sua obra como intérpretes silenciosas, passivas, transparentes, que não ameaçam o *establishment* masculino, foi tolerada em certas épocas. A visão histórica sobre as mulheres e o controle político imposto a elas encontrou, assim, um bom paralelo na posição similarmente 'degradada' da tradução. Não é de se surpreender que o Feminismo tenha algo a acrescentar aos Estudos da Tradução.¹ (1997, p. 76)

Esse tipo de pesquisa visa, pois, ressignificar ou re-narrar o trabalho das tradutoras do passado, construindo uma historiografia da tradução realizada por mulheres. Através desse esforço de tornar visível o trabalho de tradução de mulheres no passado, teóricas feministas têm exposto o caráter historicamente gendrado da atividade da tradução, isto é, elas têm mostrado como "o papel do(a) tradutor(a) está imbricado com valores sociais e como posições da hierarquia social se refletem no campo literário." (SIMON, 1996, p. 3) O que se pode ver, portanto, é que a atividade da tradução é historicamente permeada por relações de poder, entre as quais o gênero ocupa um lugar de peso. Alguns exemplos de pesquisas nessa área da história da tradução:

Flotow (1997) menciona uma antologia de 1994, organizada por Doris Kadish e Françoise Massadier-Kenney, intitulada *Translating Slavery. Gender and Race in French Women's Writing, 1783-1823*. A antologia reúne, traduz e discute obras de três francesas que foram figuras públicas proeminentes em sua época: Olympe de Gouges, Germaine de Staël, Claire de Duras. Os textos traduzidos mostram as posições delas em relação à questão racial e especialmente à escravidão. A premissa principal da antologia é que mulheres foram importantes pensadoras e escritoras sobre o abolicionismo nos séculos XVIII e XIX na Europa e nos EUA. Trata-se de recuperar conhecimento 'perdido' na sociedade patriarcal; busca-se tornar acessíveis e dignas de credibilidade obras de mulheres, ignoradas por muito tempo no meio acadêmico patriarcal, estabelecendo, assim, conexões entre escritura, política de tradução e questões de cultura e gênero.

Gostaria de mencionar mais alguns outros trabalhos acadêmicos que adotam essa perspectiva histórica do trabalho de tradução realizado por mulheres:

Há a dissertação de mestrado (MA Thesis) de Andrée Sirois, realizada na Universidade de Ottawa, Canadá, em 1997, com o título *Les femmes dans l'histoire de la traduction: domaine français de La Renaissance au 20e siècle* (As mulheres na história da tradução na França do Renascimento ao século XX).

Ainda no Canadá, Michele Healy alcançou seu PhD, em 2003, com a tese intitulada *The Cachet of Visibility: English Women Translators of Scientific Texts between 1650 and 1850*.

Na Universidade de Leipzig, Alemanha, Ulrike Walter defendeu seu trabalho de conclusão de curso (Diplomarbeit), intitulado *Übersetzerinnen in der Geschichte. Die Anfänge weiblicher übersetzerischer Erwerbsarbeit um 1800 am Beispiel von fünf Frauen* (Tradutoras na história. O início do trabalho profissional feminino de tradução por volta de 1800 a exemplo de cinco mulheres).

Na Universidade de Graz, Áustria, surgiram os trabalhos de conclusão de curso de Petra Stacherl em 2001, *Auf den Spuren italienischer Übersetzerinnen zwischen Arcadia und Romantik* (Em busca de tradutoras italianas entre a Arcádia e o Romantismo) e de Anna Bauer em 2002, *Auf den Spuren vergessener Frauen: Übersetzerinnen im Spanien der Aufklärung* (Em busca de mulheres esquecidas: tradutoras na Espanha Iluminista).

Aqui no Brasil, a pesquisadora Marie-France Dépêche (2002) analisa, num artigo intitulado *As traduções subversivas feministas ontem e hoje* o trabalho de tradução de Nísia Floresta, brasileira do século XIX.

Também no Brasil foi produzida a dissertação de mestrado de Raquel Dotta Correa (UFSC, 2010), intitulada *A voz da tradutora: paratextos em traduções de mulheres italianas dos séculos XVII e XVIII*, no qual ela mostra como algumas tradutoras italianas do período em questão faziam uso de prefácios de tradução, dedicatórias e notas para registrar sua presença como tradutoras e, em alguns casos, para realizar verdadeiros manifestos feministas.

Todos esses trabalhos procuram dar visibilidade a um intenso trabalho intelectual realizado por mulheres nos últimos séculos que, por ser considerado um trabalho menor, se comparado ao de autores de textos 'originais', tem sido esquecido. As pesquisas destacam também a relevância que esse trabalho 'silencioso' teve no desenvolvimento cultural dos países em questão.

O **segundo bloco** seria o daquelas pesquisas ou experiências que buscam oferecer uma proposta de prática de tradução feminista. Discutindo as metáforas sobre a tradução mais recorrentes ao longo da história, Lori Chamberlain mostra como essas metáforas eram provenientes quase sempre do âmbito da sexualidade e da família. Assim, a originalidade e a criatividade autoral eram ligadas à paternidade e à autoridade, enquanto a tradução e o tradutor, femininos, tinham um papel secundário ou derivado, quando não eram considerados falsos e traidores. Chamberlain mostra também como a conhecida expressão *les belles infidèles*, que orientou a concepção de tradução na França nos últimos séculos, representa uma espécie de luta edípica pelo direito de paternidade, onde o tradutor usurpa o papel do autor, a fim de garantir a originalidade de seu trabalho. Nesse caso o texto é feminizado, e o tradutor passa a figurar como galanteador do texto, a amante, que se tornará bela, e sem dúvida infiel. Por outro lado, o tradutor estará produzindo, assim, um texto fiel à sua língua mãe, o que lhe renderá um filho legítimo, e não bastardo. (CHAMBERLAIN, 1988, p. 34-38)

O problema de todo esse sistema de representação da tradução é a sua subordinação à concepção de original, conforme explica Chamberlain. Ela apresenta a teoria da tradução de Jacques Derrida como inovadora no sentido de uma ruptura com o binarismo original e reprodução. O teórico desconstrutivista francês refere-se à problemática da tradução como acontecimento regulado por um *double bind* (duplo vínculo), expressão essa que designa a coexistência da necessidade e da impossibilidade da tradução. Todo e qualquer ato de comunicação ou de leitura já pressupõe ou exige, um movimento tradutório, de modo que o original necessita da tradução; por outro lado, esse movimento nunca será perfeito ou cabal. Assim se diluem, no modelo teórico de

Derrida, os binarismos tradicionais ligados à tradução, pois existe uma dependência recíproca entre escrita e tradução. Parafraseando Derrida, Chamberlain diz que a tradução é, pois, “tão original quanto secundária, incontável e transgredida ou transgressora.” (1988, p. 51) E quanto ao papel da tradutora, ela cita o mesmo teórico:

a tradutora [...] não é apenas subordinada, não é a secretária do autor. É também aquela a quem o autor ama e a única base sobre a qual a escritura torna-se possível. Tradução é escritura, isto é, não se trata de tradução apenas no sentido de transcrição. Trata-se de uma produção escrita convocada pelo texto original. (DERRIDA apud CHAMBERLAIN, 1988, p. 50)

Referindo-se a essa prática do *double bind* de Derrida, Chamberlain diz que a teoria feminista da tradução “deveria apoiar-se não no modelo da luta edípica na família, mas no duplo fio da navalha da tradução como colaboração, em que autor e tradutor trabalham juntos, tanto no sentido de cooperação quanto de subversão.” (CHAMBERLAIN, 1988, p. 51) Uma tradução feminista implica, pois, numa prática de produção textual, e não de mera reprodução, em que o sujeito que traduz é visível e se insere consciente e ativamente no novo texto, de modo a colaborar com o mesmo ou também de subvertê-lo, conforme o caso, explicitando sempre o processo tradutório, através de paratextos como prefácios, posfácios, notas de rodapé etc., mas de modo diferente do uso convencional desses textos, que normalmente servem apenas para que o tradutor justifique ou explique sua dificuldade em reproduzir o texto da forma mais fiel possível e com isso reafirmando, na verdade, o seu desejo de invisibilidade. Os paratextos têm sido usados, pois, como uma estratégia de tradução feminista, ao lado de outras estratégias, como a do *supplementing* ou sobre-tradução (FLOTOW, 1991). Trata-se de uma intervenção da tradutora, não simplesmente no sentido de compensar eventuais diferenças entre as línguas, o que tradicionalmente é conhecido como estratégia de “compensação”, mas muito mais no sentido de acentuar certos traços do texto, relevantes do ponto de vista feminista. Simon chama essa estratégia de *productive betrayal* (traição produtiva). (1996, p. 95) Outra estratégia ainda é a do *hijacking* (sequestro) (FLOTOW, 1991). Trata-se de intervenções radicais e audaciosas no processo de tradução, configurando-se esta como a estratégia mais polêmica empregada pelas feministas. Conforme Simon é “uma apropriação do texto, cujas intenções não são necessariamente feministas, pela tradutora feminista”. (1996, p. 15) Simon pondera, entretanto, que, mesmo essa estratégia tem como objetivo uma “colaboração en-

tre texto, autor(a) e tradutora”, onde “sua obra entra num diálogo de influência recíproca”, de modo a “ampliar e desenvolver a intenção do texto original, e não de deformá-lo.” (2002, p. 16) Todas estas estratégias representam uma alternativa ao exercício da tradução como uma atividade servil, subordinada e feminina, como ela tem sido vista tradicionalmente.

Como primeiro exemplo gostaria de mencionar mais uma vez o texto *As traduções subversivas feministas ontem e hoje*, de Marie-France Dépêche (2002), que mostra como Nísia Floresta, já no século XIX, ao traduzir textos panfletários feministas, realizava uma tradução “herética”, mas de uma “infidelidade criativa”, na análise de Marie-France. Ela traduziu o famoso texto de Mary Wollstonecraft *A Vindication of the Rights of Woman: with Structures on Political and Moral Subjects* (1792). Dépêche usa o termo tradução entre aspas nesse caso, pois a versão no português do Brasil se chama *Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*. Além da discrepância entre original e tradução no título, há no texto de Nísia omissões e complementações consideráveis. Entre outras, Marie-France observa a presença marcante de dois outros textos na “tradução” de Nísia, não declarados por ela: o primeiro, de François Poulain de La Barre, *De l'égalité des deux sexes* (1673) (Da igualdade dos dois sexos) e o segundo, da desconhecida que se esconde sob o pseudônimo de Sophia, *Woman Not Inferior to Man* (1739). Marie-France comenta que Nísia Floresta, considerada a primeira feminista brasileira, fez essa tradução no estilo *les belles infidèles* francês, pelo qual era fortemente influenciada, mesmo porque estava vivendo na França quando fez essa “tradução”. Seu trabalho resultou numa “infidelidade criativa”, favorável à causa feminista no Brasil, porque trouxe pra cá um texto forte, marcante, acessível e com marcas muito claras da própria tradutora e de suas diferentes leituras, além de adaptado à realidade brasileira da época.

Outro exemplo é mencionado por Flotow em *Translation and Gender* (1997). Ela comenta a tradução de um texto literário chamado *Mirza*, de Germaine de Staël, do final do séc. XVIII, que está na antologia *Translating Slavery* (1994) de Doris Kadish e Françoise Massadier-Kenney, ao qual já me referi acima também. A personagem principal, *Mirza*, é uma mulher negra a quem Mme de Staël deu um jeito de falar literário e refinado, dentro da cultura da época, o que, é claro, demonstra o pensamento progressista de Staël. A tradutora, para tornar essa voz significativa para leitores contemporâneos, fez algumas mudanças. Ela diz no prefácio a *Translating Slavery*:

Eu estava um pouco incomodada com os excessos de Mirza. Devo dizer que em minha tradução tentei atenuar os excessos e procurei valorizar sua fala. Eu queria garantir que as pessoas que fossem ler unicamente o inglês percebessem no texto o poder daquela voz, e não a sua extravagância ou romantismo. (apud FLOTOW, 1997, p. 33)

Portanto, a tradutora retirou os 'floreios' que poderiam desvalorizar essa personagem hoje.

O terceiro bloco, no que diz respeito à atuação da pesquisa feminista da tradução, abarca a crítica de tradução de obras literárias ou também de textos teóricos. Por um lado esse trabalho de crítica procura analisar traduções de obras de mulheres, especialmente de feministas. Escrutina-se como foram realizadas essas traduções, se há suavizações, reduções ou deturpações do potencial crítico, inovador ou subversivo dessas obras. Por outro lado, também se faz a crítica de tradução de obras canônicas masculinas, no que diz respeito à retextualização, no processo tradutório, de suas personagens femininas e de seu eventual conteúdo misógino.

Sherry Simon (1996) e Luise von Flotow (1997) comentam em seus livros sobre Feminismo e Tradução diversas pesquisas no campo da crítica de tradução, por exemplo, aquelas em torno da tradução da Bíblia, ou da tradução de Simone de Beauvoir e de outras feministas francesas nos EUA, ou ainda da poesia de Safo.

O famoso livro de Simone de Beauvoir, *Le deuxième sexe* (1949), teve uma primeira tradução para o inglês - *The Second Sex*, realizada em 1952 por Howard Parshley. Margaret Simons faz uma crítica dessa tradução em 1983, mostrando que em torno de 12 % do original foi deletado (principalmente notas); 78 mulheres mencionadas por Beauvoir foram deixadas de fora (políticas, líderes militares, cortesãs, santas, artistas e poetisas); referências a relações lésbicas foram deletadas; referências ao tédio da vida doméstica cotidiana das mulheres foram igualmente cortadas. Segundo Sherry Simon (1996, p. 90-91) os cortes são problemáticos, porque fazem a linha argumentativa, o pensamento de de Beauvoir parecer confuso e incoerente. O tradutor distorceu também os argumentos de Simone sobre o feminismo socialista, deletando porções de seus apontamentos históricos e traduziu mal muitos termos da filosofia existencialista e do marxismo. Na capa de uma das edições de *The Second Sex* há uma mulher nua, representando mal o conteúdo do livro e reduzindo o seu teor acadêmico-científico. Luise von Flotow (1997, p. 50) diz que a justificativa ou defesa apresentada para essa tradução tem sido a de que o tradutor apenas estaria preocupado em

facilitar a leitura para o leitor americano, condensando, simplificando ou eliminando algumas coisas.

Entretanto, essa tradução teve algumas consequências sérias, conforme aponta Flotow. A tradutora Claudine Vivier traduziu o livro *The Politics of Reproduction* (1981) de Mary O'Brien, para o francês, *La dialectique de la reproduction* (1987). Esse livro é uma crítica virulenta a de Beauvoir e ao seu livro *O segundo sexo*. Só que Mary O'Brien se baseou na versão 'confusa' para o inglês. Quando esse livro de O'Brien foi traduzido para o francês, a tradutora não conseguiu encontrar isso no original de de Beauvoir, e teve a difícil tarefa de negociar os mal-entendidos causados pela versão em inglês. Flotow lamenta que ela não tenha comentado esse problema de tradução em seu *La dialectique de la reproduction*. (1997, p. 50)

Digno de menção nesse contexto de crítica de tradução é também a dissertação de mestrado de Sherri Meek, na Universidade de Ottawa, *A Translation Analysis of Ingeborg Bachmann's "Simultan"*, em 1999. Nesse trabalho a pesquisadora revela, através de uma detalhada análise da estrutura narrativa do conto de Bachmann e das diferentes vozes que o compõe, algumas deformações que resultam numa mudança de foco na tradução, se comparada ao original. Ela destaca a importância de um olhar crítico sobre as traduções de Bachmann nos EUA, visto que sua obra seria muito lida em tradução por estudantes de germanística naquele país.

E, voltando ao Brasil, gostaria de mencionar outro exemplo de crítica feminista da tradução, aqui da UFSC. Andréia Biaggioni analisou, em 2009, duas traduções do conto *Undine geht* da escritora alemã Ingeborg Bachmann: uma portuguesa, *O adeus de Ondina*, e outra brasileira, *Ondina parte*. Em seu exercício de crítica de tradução, a mestranda da PGET mostra como as tradutoras acentuam o tom feminista do conto, prática essa que vai ao encontro do que descrevi acima como estratégia de *supplementing*, ou "sobre-tradução". O trabalho resultou num artigo intitulado: *Traição produtiva: uma análise de duas traduções do conto "Undine geht" de Ingeborg Bachmann*.

O quarto bloco envolve questões de política da tradução na atualidade, onde pesquisadoras indagam o que é traduzido, por quem, onde e de que maneira. A influência do cânone literário na escolha de textos a serem traduzidos e as exigências do mercado editorial, são algumas questões. Por haverem constatado que também no campo das obras traduzidas a primazia continua sendo masculina, tradutoras feministas têm realizado projetos de tradução de textos de mulheres, como um ato político e de solidariedade entre mulheres. (FLOTOW, 1997, p. 19)

Um exemplo seria a antologia *Women Righting/Mulheres Escrevendo*. Afro-brasilian Women's Short Fiction, editado por Miriam Alves e Maria Helena Lima, uma edição bilíngue que saiu em Londres, em 2005. Trata-se de um projeto tradutório que contempla simultaneamente gênero e raça, dois vetores imbricados nas complexas relações de poder que regulam os diversos âmbitos de nossa cultura.

No mercado editorial internacional percebe-se algumas curiosidades em termos de gênero. Numa recente reportagem de jornal² encontra-se uma lista dos dez brasileiros mais lidos no estrangeiro: nove homens e uma mulher, Clarice Lispector. E esta única mulher certamente tem essa visibilidade lá fora a partir da sua entusiasmada recepção pela teórica feminista Hélène Cixous na França.

Marie Hélène Catherine Torres (UFSC) aponta, numa pesquisa recente, a invisibilidade das romancistas brasileiras do século XX na França; de 212 romances brasileiros traduzidos, apenas 22 são de mulheres. (TORRES, 2007, p. 90)

Um recente levantamento de autoras e de autores alemães traduzidos para o português do Brasil de 1990 a 2008 mostrou que, de 84 autores, apenas 11 são mulheres. Então, há uma desigualdade em termos de gênero, da literatura que consegue atravessar as fronteiras entre países, no caso Brasil - Europa e vice-versa, que não é coisa do passado. Algumas perguntas que se colocam invariavelmente são: haveria hoje, no século XXI, por exemplo, menos escritoras alemãs de qualidade do que escritores? Justamente nas últimas duas a três décadas, em que se tem observado e comentado amplamente um *boom* de novas escritoras na Alemanha? Quem escolhe o que será traduzido e quais são os critérios adotados nessa escolha? Quais são os objetivos de tradutores e editoras ao trazerem essa literatura estrangeira para cá? Essas são algumas questões que preocupam teóricas feministas da tradução nessa perspectiva política.

Concluindo, acredito que há, ainda, nesses quatro blocos que mencionei, muito trabalho a ser realizado e esse é um dos vários aspectos que terá ênfase em nosso grupo de pesquisa do CNPQ, Literatura, História e Tradução, que criamos em 2010.

Notas

1. Todas as traduções de citações são minhas.
2. Publicado no ANexo *idéias* do jornal A Notícia em 20/05/2009. A notícia apresenta uma reportagem da *Agência Estado*, realizada por Antônio Gonçalves Filho, a respeito de um projeto do Instituto Itaú Cultural, denominado "Conexões Itaú Cultural - Mapeamento

Internacional da Literatura Brasileira”, que consultou 55 especialistas de 19 países, como professores de literatura brasileira em universidades estrangeiras e tradutores.

Referências

- ALVES, Miriam; LIMA, Maria Helena (eds.). *Women Righting/Mulheres Escrevendo*. Afro-brasilian Women's Short Fiction, London: Mango Publishing, 2005.
- BIAGGIONI, Andréa; BLUME, Rosvitha Friesen. *Traição produtiva: uma análise de duas traduções do conto "Undine geht" de Ingeborg Bachmann*. Ano IV, v.9, ago-dez de 2009.
- CHAMBERLAIN, Lori. Gênero e a metafórica da tradução. Tradução de Norma Viscardi. In: OTTONI, Paulo (org.). *Tradução. A prática da diferença*. FAPESP/UNICAMP, Campinas, 1998.
- DÉPÊCHE, Marie-France. *As traduções subversivas feministas ontem e hoje*. Labrys, estudos feministas, número 1-2, julho/ dezembro 2002. Disponível em: http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys1_2/mfd1.html Acessado em: 29/10/2010.
- FLOTOW, Luise von. Feminist Translation: Contexts, Practices, Theories. *TTR* 4(2), 1991, p. 166-184.
- FLOTOW, Luise von. *Translation and Gender. Translating in the 'Era of Feminism'*. Manchester: St. Jerome Publishing, 1997.
- SIMON, Sherry. *Gender in Translation*. London: Routledge, 1996.
- TORRES, Marie Hélène. A pouca visibilidade das escritoras brasileiras traduzidas na França no século XX. In: *Cadernos de Tradução*. Nº 19. PGET - UFSC, 2007/1.